

Folha d'Ova

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha..... 600
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 29 de março

CLAMANDO

N'um paiz, onde o maior numero não tem ideias ou adherencias politicas assaz resistentes aos vexames ou aos favores, os funcionarios, que abusam, vexando ou favorecendo, influem poderosamente nos eleitores, e portanto na sorte dos partidos.

Assim, qualquer repartição vem a ser uma agencia de votos; os escrivães de fazenda tornam-se os primeiros influentes dos circulos.

Ora sabe-se, que os chefes e sub-chefes progressistas exigem tudo aos empregados, e se estes não satisfazem ás suas exigencias, só devem esperar, que os transfiram, pretiram, ou demittam. Os regeneradores, no poder, rejeiam, que os taxem de violentos, cedem essa gloria aos adversarios, dos quaes se distinguem pela tolerancia; mas d'ahi não se segue, que os deixem usar em paz das suas violencias, que são odiosas, mas de grande effeito, e convém que reparem promptamente as injustiças, o que é assaz louvavel.

Os empregados da sua parte vendo, que soffrem, se não comprazem ao partido, cujos chefes são inexoraveis, quando mandam, até na opposição os temem, e não hesitam em satisfazel-os.

Sabemos de um escrivão de fazenda, que mesmo agora pondo a collecta de um rico proprietario em nome de um irmão fallecido, ha dois annos, o eliminou da lista dos maiores contribuintes, e o mesmo fez a outros. E' assim que em quasi toda a parte n'este districto a commissão recenseadora pertence a um partido sem escrupulos, e sem pejo, que falsifica por systema os recenseamentos.

O mesmo n'outro conselho riscando a contribuição industrial, que uns lavradores pagavam como carreiros, obteve de um golpe para os progressistas mais de trinta votos.

Sabemos d'outro escrivão de fazenda, que observando

ser o preço de uns bens excedente ao que um progressista declarava, recebeu dentro em quinze dias do sr. Marianno de Carvalho a ordem de se apresentar como addido á repartição do Porto — e foi ainda castigado com seis transferencias, e n'uma d'ellas se lhe disse, que não tinha uma só nota desfavoravel, porque se a tivesse, não seria transferido, mas exonerado!

Abundam os factos d'esta especie, e causam terror aos que precisam dos seus empregos para viverem.

Todos se recordam da balburdia em que pôz o sr. Marianno o quadro dos escrivães de fazenda; para os fins eleitoraes transferiu, preteriu, alterou as classes, demittiu, e com todo o descaro addiu 174, sendo elles uns 300 pouco mais ou menos, augmentando só com isso a despesa em 52 contos!

E' em taes processos, onde está a força de um partido, cujos chefes estão em descredito, e que por elles perdeu o seu lustre, os seus titulos, e a sua razão de ser, mas que apesar d'isso vai estendendo a sua clientela interessada.

Até os juizes não lhe escapam.

Vejam agora a contradicção entre os actos e as suas affirmativas theoricas e parlamentares.

Discutindo-se a reforma administrativa de Rodrigues Sampaio, o actual chefe progressista (que não tem culpa de o ser) levantou-se, e disse:

«Seja-me licito aproveitar esta occasião para fazer propaganda das minhas ideias e das do meu partido em harmonia com o seu programma.»

«Entendo, que a tribuna parlamentar, sendo a mais elevada do paiz, pôde e deve servir para esse nobre apostolado—e não se extranha, que para este fim a aproveite—porque o nosso programma ha de concorrer efficazmente para a prosperidade do paiz!!»

Tão pomposos termos não correspondiam ao assumpto, que era sabido, vulgar, e corriqueiro; ha n'essa linguagem um grau de pedanteria tal, que causa riso. Note-se, que tratava da influencia das auctoridades nas eleições... e no que disse nada houve de original, nem privativo, ou d'elle, ou do seu partido.

O extraordinario chefe subiu á tribuna para propôr o que se segue:

«E' prohibida a intervenção directa ou indirecta das auctoridades administrativas nas eleições.

«São nullas as eleições, cujo resultado fôr devido á interferencia d'essas auctoridades.»

Mais tarde veio o chefe, que tem a mania de reformador, com um projecto de codigo—e em nenhum dos seus artigos prohibe a interferencia das auctoridades, nem estabelece a nullidade das eleições por esse motivo!

Mesmo em epochas de crise para o paiz faz questão de governadores civis, e de administradores. Ainda ha pouco n'um concelho dizia— agora vou varrer os empregados—e varreu, e as vassouras de que se serviu, foram o sr. Antonio Candido e o sr. Augusto Cunha— ministros, um do reino, outro da fazenda.

Quem em harmonia com o seu programma, vinha tolher n'um discurso aos administradores a sua influencia nas eleições, no exercicio do poder consentiu, que se pozessem á frente de caceteiros eleitoraes, animou-os a este digno papel, premeiou-os, e salvou-os da mão dos juizes, envergonhando o systema representativo!!

E n'isto se converteu aquelle nobre apostolado para o qual pôde e deve servir a tribuna parlamentar, a mais alta do paiz!

Agora vê-se, que o governo trata mais de causas do que de pressões, mas o que é justo tem sempre logar; clamamos, que se corrijam os abusos, e que se attenda aos empregados perseguidos.

Não é justo, nem politico, que fiquem sem reparo.

Loureço d'Almeida e Medeiros.

CONFRONTOS

XI

Do Povo d'Ovar de 24 de junho de 1888:

«Politica e administração concelhia.—Pôde alguém censurar-nos de termos feito accusações vagas ao bando que arrastou esta villa ao estado de anarchia e desordem, a ponto de se espantar sem reboço algum, nas praças publicas, de se levantar as forcas, de se arruçar no tribunal judicial d'esta comarca? Pôde alguém censurar-nos de termos feito accusações vagas á actual vereação que se recommenda pela mais crassa ignorancia dos negocios municipaes?

Desdobrando pouco e pouco a acção prejudicialissima e inepta d'um grupo de homens que se alçaram a vereadores com o simples apoio do cacete, nada mais temos feito do que interpretar os sentimentos do povo que já de ha muito formou a sua opinião. Citamos já muitos factos: dissemos como os actuaes vereadores ao tomarem conta da administração municipal, logo nas primeiras sessões abotoaram os seus correligionarios com bastantes centos de mil réis: dissemos que a Estrumada tem servido para pagar serviços eleitoraes: referimos-nos ao modo como os fornecedores augmentavam e augmentam as suas contas: dissemos o modo como alli se despacham as petições dos habitantes do concelho, segundo são ou não da grei: mostramos como os empregos serviram para galardoar os caceteiros, e referimos por ultimo que não podiamos por emquanto desvendar esse montão de... irregularidades porque não podemos obter os documentos necessarios. Não os podemos obter porque na secretaria se negam a passal-os, negam como já se negaram tanto na secretaria da camara como na administração do concelho, allegando verdadeiras futilidades, só para se não conhecer os planos embrulhados das tramoiias preparadas.

Já dissemos por mais do que uma vez que teremos paciencia bastante para esperar. Ha-de vir tempo em que desvendaremos tudo, com provas irrecusaveis, que o tribunal julgará!»

O sr. Fragateiro no seu Povo d'Ovar de 26 de dezembro de 1886:

«Quem paga aos fogueteiros? o cofre.

Quem paga á musica? o cofre.

Quem paga o vinho? o cofre.

Quem paga aos padeiros? o cofre.

Quem paga aos vadios? o cofre.

Quem paga ás policias? o cofre.

Quem paga as bombas? o cofre.

Quem paga as contribuições municipaes aos limonadas? o cofre.

O cofre, instituição maravilhosa, unica, salvaterio e refugio de muitos calotes, amparo de muitos vadios, o cofre seria tudo, se não fosse ter de passar para o recebedor, uma entidade ingrata, incompreensivel que não dá sem que venha o mandado.

Que pena! O que o cofre seria se não olhasse por elle a lei representada nos recebedores!

Os foguetes, a musica, o vinho, o pão, a vadiagem, as policias, as bombas, os atrazos nos pagamentos, etc., redobriam córte todos os dias.

O cofre ha-de pagar tudo porque não ha remedio para isso. Mas como o Berlingas terá de andar sempre sobre brazas!

Não é porque a consciencia tenha de accusar, não, ella é elastica em demasia para poder supportar tudo. E' o medo da cadeia que...

O cofre ha-de pagar, é necessario e imprescindivel á politica limonada.

A Estrumada é o vasto campo para onde olham os influentes. Elles, pobres diabos, vivem ha pouco como vivem hoje sem um palmo de terra. A Estrumada é larga e enorme e aquelles pinheiros altos, es-

GAZETILHA

«O VICE»

Em tudo mette o bedêlho;
Morre por fazer figura,
Mas se algum a faz sem elle
O seu orgão não se atura.

Se falla—paga, é castigo.
Ha bem pouco, encasacado,
Mais tesó que o Polaco
Fez-se um bom gato-pingado!

Ao vel-o assim tão gentil,
Disse ao pé de mim alguém:
—Uma velinha na mão
Fica-lhe até muito hem,

Zé.

guios, como estandartes de revolta contra a anarchia que lava por entre o povileu pacato, aguçam a cubiça dos potentados.

E elles nas suas furias, nos seus ataques de loucura já pensaram em pedir indemnisações pelos serviços prestados a uma causa perdida.

A retaliação vem quando o machado destruidor bater compassadamente nos troncos dos pinheiros altos, esguios, levantados allí como estandarte de revolta, o povo os sentirá como golpes de punhal abertos na nosso riqueza conselhada. E' que os espancadores em vez de derrubar homens precisaram de derrubar pinheiros, em vez de crimes precisam de dinheiro.

E depois d'isto quando nos cofres particulares já houver bastante dinheiro, elles irão arrematar, fingir que compram maninhos, grandes partidas de matta para se poderem apresentar como grandes proprietarios.

Para alem do Carregal apparecerão grandes quintas muradas pelos modernos mestres d'obras, de casas feitas com madeiras da Estrumada, sem que o cofre tenha recebido um centil. E' que esses modernos proprietarios terão recebido bem as lições do *homem da palha*, o inclyto fornecedor.

Os exemplos aproveitarão, mas o peor será a distribuição da preza. Os grandes proprietarios, lançando-se uns aos outros darão o espectáculo mais edificante dos modernos tempos em que as eleições são um vivo exemplo das rusgas dos selvagens Berlingas d'outras eras.

Ainda o sr. Fragateiro no seu *Povo d'Ovar* de 6 de fevereiro de 1887:

«Aqui d'el-rei ladrões.—Acorda povo, porque se não acordas, os pinhaes municipaes que são teus e que servem de abrigo á tua propriedade, antes de seis mezes tem desaparecido; e senão haja vista o que se tem roubado ha um mez desde que a camara intrusa e do cacete governa!

Abaixo, povo, os ladrões dos pinhaes municipaes, abaixo os ladrões que em novembro ultimo proclamaram a sua destruição e o roubo, e que agora os estão roubando com a maior audacia e descarol!

Alerta, povo, olha que os que foram teus sicarios e assassinos são os que te estão roubando agora em proveito seu do que só era teu. A'vante, povo olha que amanhã será tarde, porque estarás roubado de tudo!

Não esmoreças nem te deixes abater, confia, povo, no teu direito e na tua justiça.

Sabes como acabaram os teus assassinos e ladrões antigos e os *actuaes* não terão melhor fim, porque são mais torpes e perversos, mais vis, e infames! Não os conheces? Queres os seus nomes e os seus feitos? Breve os terás.»

PROPOSTAS

O sr. dr. Valente, presidente da camara do sr. vereador Fragateiro e seu chefe, não veio, nem virá ao empraçamento que lhe fizemos e firmos da sua honra, para que ninguém ponha em duvida a verdadeira amizade que o liga ao sr. Fragateiro, e de que, *irmãos em sentimentos, intuitos e aspirações*, são uma só entidade, da qual a acção e a gloria pertence sempre e em tudo, ao sr. vereador Fragateiro.

Em fins de seculo, ha ainda d'estas *dedicações sublimes de civismo e abnegação*.

Foi assim que o sr. vereador Fragateiro fez thesoureiro privativo da sua camara o sr. Antonio José Pereira Zagallo, com a *percentagem legal*, segundo o annuncio firmado pelo sr. vereador Fragateiro, e depois com a que lhe *fôr destinada* no fim do anno.

Foi assim, que o sr. vereador Fragateiro publicou primeiro, que o saldo da camara transacta para a sua camara era um deficit de receita na importancia de 1:832\$802 réis, que a onerava, depois, que o saldo que transitou da gerencia transacta era de 4:272\$779 réis (o sr. Fragateiro, parodiando o sr. Dias Ferreira, confessou que não sabia de contas) e agora que, *apezar das obras realisadas*, no cofre da camara ha mais dinheiro do que quando a actual vereação tomou posse!

Foi assim que o sr. vereador Fragateiro fez chefe fiscal de cantoneiros e zelador, o sr. Manoel Bernardino de Oliveira Gomes (seu primo) e chefe fiscal dos guardas dos pinhaes municipaes, o sr. Manoel Antonio Lopes Junior (seu amigo), occultando qual o vencimento d'estes seus dois empregados, e *mandando trabalhar*, se *queriam osso*, os que não julgaram legaes estas nomeações.

Foi assim que o sr. vereador Fragateiro mandou reconstruir o muro do hospital, em vista de resolução do conselho de districto de ha quatorze annos, para *limpeza e asseio* d'aquella casa, que não para lhe vedar o seu quintal, e amparar o seu terreno, e por administração, porque o sr. vereador Fragateiro condemna o principio da arrematação, que, dá lugar á emigração, e adopta o da administração, para que ninguém saia d'esta terra!

E a proposito, seja-nos permittido fazer aqui um parenthesis—Informam-nos que quem fornecia de tudo, e que quem tudo mandava

n'aquelle hospital em tempos passados, era o pae do sr. vereador Fragateiro, ou o seu avô Torres, que não conhecemos, e que entrando para a camara o sr. Aralla, e, mandando fazer esse fornecimento por arrematação, o pae do sr. vereador Fragateiro, que era *então amigo* do sr. Aralla, ficára de mal com este. Informam-nos de *muitas outras coisas, que calamos*, e se n'isto fallamos, *é para louvar* o sr. vereador Fragateiro *que segue e respeita o pensar* de seu pae, *que alcançou a reconstrução d'aquelle muro por administração, gastando muito menos do que se o arrematasse*.

Foi assim que o sr. vereador Fragateiro vendeu as moudas e matto das *estrumadas novas* que representam muitos contos de réis gastos, e bem gastos, por 23\$300 réis, e os pinhaes derrubidos pelo temporal, com os que se lhe accrescentaram, por 84\$800 réis, segundo reza a conta publicada pelo sr. vereador Fragateiro, como *inicio para a destruição* dos pinhaes municipaes, condemnados pelo *camartello civilizador* do sr. vereador Fragateiro.

Tem sido assim que o sr. vereador Fragateiro tem continuado a *destruir* por uma *fôrma e processo* de que só o sr. vereador Fragateiro é capaz, os pinhaes municipaes, não dando conta de quanto aufero o cofre municipal com essa *destruição*, mas *fazendo publico que se não lançarão novos impostos, nem se alienarão os bens municipaes, a não ser quando essa alienação importe por si só um melhoramento para o local*, como é a facha do terreno do largo do Martyr, que uma camara obteve a 140 réis o metro, para locupletar um dos seus membros, no dizer do sr. vereador Fragateiro, e que o sr. vereador Fragateiro vende, não influenciado por um *sindicato-panamá*, mas porque essa venda, no dizer do sr. vereador Fragateiro, importa, de per si só, um melhoramento?

Foi assim, mas *por uma fôrma e processo mais aperfeiçoado e rapido, que foi vendido* o chamado pinhal da camara, o mais importante dos pinhaes municipaes, no dia 25 de março do anno da graça de 1893!!!

No anno da graça de 1865, uma camara devidamente auctorizada para a venda d'este pinhal, e tendo annuciado devidamente tambem o dia da sua arrematação, não a ponde levar a effeito, e foi victima das iras populares.

No anno da graça de 1855, uma camara, depois de ter ouvido os seus municipaes mais illustrados sobre a venda d'uma pequena parte do pinhal municipal para montar um hospital do colericos, desistiu da venda para fim tão santo e nobre, e o hospital para colericos foi montado e custeado por uma subscrição.

E' que hoje não é hontem. Hoje é presidente da camara o sr. ve-

reador Fragateiro, o sr. dr. Antonio Joaquim d'Oliveira Valente, conhecido pelo dr. de Guim, filho d'outro, da Feira, e vice-presidente o sr. dr. Francisco Fragateiro de Pinho Branco, filho do sr. José Fragateiro de Pinho Branco.

E para prova do que valem e são capazes o sr. vereador Fragateiro e o sr. presidente da sua camara, veja-se como sem se annunciar, e de surpresa, se fez mudar com os seus mestres d'obras, fiscaes, cantoneiros, officiaes, etc., etc., d'um dia para o outro, a praça do peixe dos Campos para o alveo abandonado do rio da Senhora da Graça, que uma camara conseguiu com muito custo para côradouro publico—côradouro que fica em frente da casa do seu amigo e confrade sr. Peixoto, *que tem a mania por terrenos para edificações*, chegando a offerecer por este 3:000\$000 réis!

Veja-se como sem se annunciar, e de surpresa, se tirou o capeado de cantaria das avenidas da ponte do Casal e da propria ponte, e *capeou* o muro do hospital que véda o seu quintal, e outro do largo do mesmo hospital!

Veja-se como sem se annunciar, de surpresa, e como por encanto, se transformou o largo do hospital n'um jardim, sob a direcção do sr. vereador Fragateiro, seu pae, suas manas, manos padres Baptistas, Farrapeira, etc., etc., etc., jardim que no dizer do sr. vereador Fragateiro fica de graça, e com o qual lucrou o municipio, porque o *trabalho que as pessoas salarizadas allí fazem, consiste apenas em remover o entulho que occupava quasi todo o pateo do hospital, e que a camara era obrigada a remover para mais longe, etc., etc.*

Do annuciado jardim, grades e corêto para a musica no largo dos Campos—do annuciado jardim do largo da Poça—da annuciada nova praça d'hortalicas—idem de galinhas idem de fructas, fallaremos breve, bem como das annuciadas estradas do Sobral, S. João, Granja, Marinha, Vallega, Arada, etc., etc., e ainda dos novos Paços do Concelho, dos melhoramentos do hospital, da illuminação publica, etc., etc., etc.

E' preciso porém, fazer de-de já justiça ao sr. vereador Fragateiro.

Os melhoramentos feitos, annuciados e não annuciados, durante tres mezes ainda não completos de sua gerencia, levariam a executar-se a vida d'um homem. Ao sr. vereador Fragateiro não, porque é um homem de *acção, acção, acção*, com a *cabeça cheia de recursos*, e só tememos que ella se desequilibre.

RISCOS

Hontem—hoje—amanhã

Eu vi-o ir-se afundando pouco e pouco no lamaçal do crime,

Julgavam-no um louco picado pela aspide da vingança e era apenas o descendente d'uma raça degenerada e precisa cumprindo o seu fadario...

Espancaram, feriram, e elle applaudiu, porque tambem em outros tempos os ferimentos e homicidios eram o inicio do roubo e o roubo ia principiar: levantaram as forcas, e elle admirou-os, porque eram o seu lemma.

Quando passava, pallido e escaurido, dobrando para o chão o rosto onde os remorsos cavaram fundas rugas, as mães esconderam os tenros filhitos para que o olhar da hyena os não ferisse e lhes não lançasse o stygma da maldição.

... E era apenas o descendente d'uma raça degenerada e precisa cumprindo o seu fadario...

Elle via levantar-se um côro de imprecações, a repulsão manifesta sentida ao contacto do criminoso, do maldicto. Como o polypo lançava os tentaculos para os bens da communidade, querendo sorver grandes pinheiras, sem se lembrar de que outr'ora o povo fizera justiça queimando a casa d'um ladrão, que se assenhoreava de grande parte da Estrumada. A tradição ainda se não tinha quebrado; julgava-se a causa e era o effeito.

... Era apenas o descendente d'uma raça degenerada e precisa cumprindo o seu fadario...

Hoje chefe de assassinos, capitão do bando de salteadores. Os remorsos pezam-lhe cada vez mais.

Nem se atreve já a levantar o olhar, outr'ora ferino.

Cabisbaixo, amarellado, calva luzidia, lunetas a cavallo no nariz, elle vai picando a garrana avelhenta russa, bamboleando as pernas esguias, segundo as regras da verdadeira, da pura equitação.

Foram-se-lhes os doentes. Tem por isso tempo em demasia para pensar nos planos criminosos, para cumprir o seu fadario.

Com saudade, lembra-se do tempo em que expoliava o pobre e roubava o rico: quando ia accumulando o thesouro á custa da maldicencia. E medindo do alto da garrana tysi-a, o fundo abysmo aonde de trambolhão em trambolhão foi parar, sente-se horrorizado e treme. E comtudo... é apenas o descendente d'uma raça degenerada e precisa cumprindo o seu fadario...

Quantas vergonhas, quantas baixesas elle soffre a cada momento da tropa fandanga que uma vez o illudiu, dando-lhe vivorio! Pensou-se senhor e era escravo, pensou-se juiz e era reu, e reu de muitos crimes que mandou commetter sem consciencia do que fazia, porque... era apenas o descendente d'uma raça degenerada e precisa cumprindo o seu fadario.

O que será d'elle amanhã? Um miseravel, um louco.

Apodrecendo n'uma enxerga vil, objecto da maldição de todo esse po-

Folhetim da FOLHA D'OVAR

(3)

O ultimo sobrinho de Frei Angelo

POR

PROTCHE DE VIVILLE

TRADUÇÃO DE

AUGUSTO MAXIMO RANGEL

A instrucção da pequena tinha sido cuidada a capricho e como todas as mulheres distinctas d'Italia, ella fallava e escrevia muito correctamente o francez e outras linguas mais. Depois de deixou o seu queri-

do convento, Thereza, *Rezia*, dizia affectuosamente o bom tio fazendo uso d'esses encantadores diminutivos que são uma das bellezas da lingua do Tasso e de Manzoni, habitava no curado, onde, para bem dizer, passava uma vida mais serria do que permittia a sua idade, não tendo companheira nem amiga a que confiasse seus segredinhos diarios.

Pensar-se-ha de boa vontade que o senhor Grispino tinha serias razões para isolar sua sobrinha e que resolvera impedir que chegassem até ella revelações indiscretas.

O bom natural de Thereza, sua alegria infantil e a sua innocencia não lhe deixaram até então julgar da dureza da situação. A pequena pensionaria amava ainda os brincos da sua idade: um bom li-

vro a captivava, e os trabalhos de agulha a interessavam altamente.

Depois o seu tio e a sua fiel creada, a velha Geneveva, ouviam sempre com prazer e sem aborrecer-se o seu alegre tagarellar.

Porém, desde o fim do mez d'abril, a vida tornou-se mais triste e a situação quasi intoleravel para a pobre menina. O sr. Bazilio andava visivelmente inquieto; as suas orações tornavam-se dia a dia mais longas e muitas vezes recitava o officio dos defunctos: então Geneveva que rezava em voz alta com elle, tinha, por momentos, inflexões de vós tão apaixonadas que a donzella punha-se a pensar que aquelles por quem se pedia a Deus com tanto fervor deviam ser creaturas muito queridas. Ella juntaria suas preces ás de seu tio e de Geneveva,

mas antes de tudo queria saber por quem orava e em que occasião se deveriam fazer estas supplicas.

Então ella pensava em seu irmão, casado ha dois annos com a filha d'um sindaco de Calcio, e a pobre creança imaginava que alguma grande desgraça tivesse cahido imprevisivelmente sobre esta familia.

Todavia, as cartas d'Antonio eram tranquillizadoras; elle, a mulher e seu filho passavam ás mil maravilhas. E' verdade que, havia quinze dias, o correio não trouxera mais carta alguma ao curado e então...

Que se passaria, pois, grande Deus? Como ninguem respondesse a esta interrogação. Thereza, resolveu dirigir-se ao Senhor do templo de São Marcos. Logo que seu tio se affastou, introduziu-se na igreja

pela portinha que tinha ficado entreaberta.

Alli esperava-a uma nova surpresa... As pinturas da idade média tinham desaparecido...

O quadro que representava a resurreição do Salvador, assim como um S. João Baptista, attribuidos a Frei Angelo, e pelos quaes o veneravel cura professava uma admiração sem limites, não estavam lá...

As circumstancias deviam ser muito graves... Tambem a donzella, apezar de toda a sua piedade, ficou incapaz de rezar.

Mil perguntas assaltaram o seu espirito.

(Continúa)

vo victimado, implorará misericórdia.

E quem não terá dó do louco que... é apenas descendente d'uma raça degenerada e precisa que cumpra o seu fadario!...

Ismael.

(Povo d'Ovar, n.º 89 de 8 de abril de 1888).

SECÇÃO LITTERARIA

SS e Rabioscas

Ovidio diz nos *Tristes* (liv. 3.º, eleg. 4.ª, v. 25 e 26) — «*Qui bene luit, bene vivit*».

Peta, engano, lérias! digo eu por minha vez.

A maxima não péga como axioma... Nada!...

«*Quem não apparece, esquece*». Esta é que é uma verdade evangelica. Creio mais n'isto que nas clausulas d'uma escriptura testamentaria, ou na infallibilidade papal.

Demonstro, comparando:

O mundo esquecera-me...

Os Victor Hugo, Voltaire, Camões, Junqueiro, João de Deus, Giuseppe Verdi, Napoleão I e quejandos preclaros e illustres poetas, prosadores, philosophos, genios, maestros, mathematicos, são fructos unicos.

Eu vivia, pois, desconhecido, ignorado, e mal-sabido do destino que dar-me, e crendo-me, mesmo, incompativel com as mais infimas profissões, artes ou misteres.

Um dia a D Imaginação, aquella minha incomparavel companheira, encontrou-me.

Viajava para aprender da grandeza, civilisação, costumes, leis, religião, etc., dos povos do norte. Offereci-me, como conhecedor de Rezende, para *cicerone* de tão illustre como encantadora dama. Aceitou.

Estão lembrados d'isso, não é verdade, leitores?

Recordam-se ainda d'ella me ter dito em Aregos que desejaria ver nas ruas das povoações d'essa comarca, ao menos duas vezes por semana, em actividade, os effeitos das vassouras municipaes, a exemplo do que se pratica nos grandes centros de população? Pois bem; acabo de ser informado, por pessoa fidedigna, que o municipio rezendense (honra lhe seja que começa a fazer bem aos seus filhos e a pôr em execução as posturas referentes a limpeza publica) espera ansioso que eu e ella, a D. Imaginação e eu, isto é, nós ambos (vid. syntaxe de concordancia) appareçamos ahi para nos fazer entrega de duas magnificas vassouras d'esparto, um par de carretas, as competentes nomeações de varredores municipaes e passar-nos, sequinhos, os amargurados 340 de salario! Hein?...

Estarão ainda com Ovidio, ou conformar-se-hão com a minha opinião?! Respondam, vá... «*Para viver felizes, vivamos occultos!*»

Tem graça e não offende os ociosos, não acham?! O dinheiro dá felicidade, mas, para se arranjar, é necessario sair do buraco, em contradicção plena com a theoria do *pauvre petit grillon* que Florian a *caché dans l'herbe fleurie*, e procural-o pelo trabalho.

O trabalho faz parte da felicidade, porque o trabalho em proporção com as forças do homem é hygienico e saudavel.

E que é, senão feliz, quem tem saude, dinheiro e trabalho?

Lembremos...

Na camara ha uns logarsitos vagos, ou que vão crear-se?... Ainda não ha zeladores municipaes?... Se houver necessidade, nós cá estamos.

Não são precisos lampeanistas? Que diacho! Arranjem illumina-

ção, quanto antes, por todos os cantos da comarca.

A luz é imprescindivel. Os olhos precisam tanto d'ella, como de ar os pulmões.

Ora vá... Luz! Luz!

Consta-me que pelo ministerio das obras publicas vae haver breve redução nos ordenados dos empregados que lhe estão affectos.

Homem! Vamos a isso, e nada de demoras. E' uma dôr de consciencia ver os empregados dos caminhos de ferro tão bem pagos, com tantas garantias e tão endinheirados. Muitos, sei eu, que no dia do pagamento apertam as mãos na cabeça por não saberem que fazer... para, com tal quantia, satisfazerem as reclamações do estomago, que as outras, vestuario, extraordinarios, vexações domesticas, doencas, creio haver um decreto que lhes prohibe tel-as...

Côrte, côrte sr... Machado n'elles e deixe fungar.

Se tanto for preciso ordene-se que, sem excepção, os pobres apontadores-amannenses vão pousar o pescoço sobre os *rails* á passagem do comboio expresso.

Haverá muitos que o farão sem reflectir. Eu não que sou teimoso pela vida.

Teimoso em tudo afinal de contas, apesar de exemplos que deveriam lembrar-me.

Uma noute d'estas permittia me arrancasse as orelhas quem quer que me apresentasse á venda no Porto, vinho dos meus sitios virgem de martelladas e composições de gemmas d'ovos, alcool, baga e campeche.

L***, que me ouviu, disse-me que sabia onde o havia genuino, puro, de Santa Cruz do Douro, palhete magnifico da casa Lobo d'Avilla.

Eu que conheço o Porto, desde os 5 annos que corro as ruas todas, espreitando as *montres*, lendo as taboletas, pesquisando as exposições, provando todos os vinhos aqui, alli, além, nos hotéis, restaurantes, armazens, tavernas, tascos, e que nunca encontrei tal, intimei L*** para arrancar-me as orelhas immediatamente.

—Anda d'ahi, diz elle.

Levou-me por ahi abaixo, conversando em mil futilidades, rua de Fernandes Thomaz fóra, e voltou para a rua Bomjardim acima fazendo frente para esta rua com os n.ºs 465 e 467 e para a de Liceiras 2 e 4, li nas paredes da casa, n'um fundo vermelho, a branco a seguinte inscripção:

TABACARIA TERMINUS

«Deposito de tabacos, sellos, letras de cambio, papel sellado, estampilhas do correio, loterias, titulos d'obrigações, objectos d'escriptorio e desenho, papel, sabonetes, stearina, canna, cognac, vinhos finos e puros engarrafados do Douro, etc., etc.»

Entramos...

Enfileiradas, semelhando um regimento de tropas regulares em ordem de batalha, vi uma multidão de garrafas, todas inchadas na sua fardeta rotulante.

O meu amigo pe'liu uma d'aquellas garrafas, que custon 80 réis.

—Próva, disse-me elle depois de a ter desarrólhado.

Li o rotulo. Era justamente o vinho da minha teima. Bebi... bebi-o todo. Era soberbo!...

Fiz os meus cumprimentos ao dono do estabelecimento, o sr. José Barbosa, cavalheiro muito conhecido no Porto pela sua seriedade e hombridade de caracter, genio emprehendedor, activo, trabalhador, e... cheguei-me para o L***, coçando o pavilhão da orelha direita.

—Vamós embora; disse elle. Deixa-te de ser teimoso, homem.

O pobre rapaz perdoava ás minhas orelhas, fiado em que o paladar me tinha curado.

Aos bórdos e aos SS cheguei a casa e deitei-me.

No dia seguinte, dissipado o nevoeiro da noite passada, procurava fosse quem fosse para teimar sobre a existencia do citado vinho mas... ninguem cahia.

Tinha corrido que eu era teimoso por conveniencia.

Augusto Maximo.

Villar de Barrô.—Março de 1893

SECULOS

Rezende, comarca das cavacas e das beatas, ama sêcca dos iconoclastas do progresso, tu és a mais insigne em falta de melhoramentos e em abundancia de fartum, d'entre as tuas congeneres do paiz.

As estradas, onde cresce o escalracho e a grama, são mais imundas e pestilentas que o halito dos mocanqueiros que se abrigam á sombra das maucenilheiras do não querer saber.

Oito seculos e meio tem passado depois que tu surgiste, e esquecida do teu passado glorioso e feliz, achas-te hoje suja e pobre de tal forma que mendigas dos teus filhos fumigações, que te não dão, e dos estranhos endinheirados um mendrugo de macadam que te não fazem.

Miseria! Podridão! O teu representante em côrtes, indaga ainda agora nos livros das licantinas o meio de te tornar florescente.

Ai! dos povos que, como tu, não se deixam guiar por os seus velhos filhos, avós e auctoridades das novas gerações, e vão perflhar estranhos, adopções ingratas!...

O teu nome foi escripto, no contrólê das terras maldictas! Como Sodoma e Ghómorra, como Pompeia e Rhodes, Heimur e outras, tu perecerás tambem.

O teu pensamento é um guet-apens ha muito preparado. Os teus filhos afundir-se-hão comtigo! A vasa será a tua sepultura! A ruina a tua mortalha!

Elias (propheta.)

NOTICIARIO

Notas á pressa

A illustre, bondosa e inteligente esposa do digno escrivão de direito, o sr. Frederico Abragão, fez annos no sabbado da semana passada.

Receba por isso a ex.ª sr.ª D. Rachel Barbosa as nossas sinceras felicitações.

—Afirm de passar as férias da Paschoa em companhia da familia, chegou a esta villa em fins da semana passada a extremosa filha do sr. Manoel d'Oliveira Gonçalves.

Os nossos cumprimentos.

—Os endiabrados e terriveis estudantes tambem vieram a férias. Tremei, leitoras!

—Com feliz successo, a digna esposa do sr. Augusto Gomes deu á luz uma creança do sexo feminino.

Aos paes e mais familia mil parabens.

—Concorrida e muito animada a reunião em caza do sr. dr. Chaves, no domingo.

—O jardim do largo do Hospital—um dos primeiros e principaes melhoramentos que se deve á vereação actual—está concluido.

As florinhas crescem, alegres e risonhas, acalentadas pelo sol benefico e ardente d'estes ultimos dias.

O sr. José Fragateiro e familia andam contentissimos!

—A nova praça do peixe immortalizou o sr. Fragateiro e a sua camara!

Viva o progresso!

—Entrou em convalescença o intelligentissimo advogado n'esta comarca, o sr. dr. Serafim Baldaia.

Já tem dado os passeios do costume até á loja do nosso bemquisto João Alves.

Estimamos deveras.

—No domingo a sympatica esposa do nosso amigo Isac Silveira deu á luz uma creança do sexo masculino.

Tuna «Ovarense»

Filho da sincera amizade e subida consideração que jámais negaremos ao bellissimo rapaz, honradissimo negociante n'esta praça e musico distincto—a João Alves, tomamos a confiança de lhe lembrar arranque o nosso bom povo da somnolencia estúpida, apresentando-se na rua com a tuna que tão irreprensivelmente rege.

As noites d'agora, quentes, serenas, bellas, d'um luar claro, cheio e poetico, pedem umas—*serenatas*.

Para João Alves cumprir o nosso pedido, o pedido das nossas leitoras, o dos rapazes, «fina flôr» vareira, é desnecessario segundo aviso. E, crentes n'isso, esperamos.

As contradicções d'um politico

Quando em janeiro de 1890 o sr. Antonio Soares Pinto assumiu a presidencia da camara, o nosso *Cabriom* escreveu entre outras coisas:

«Tirem a parte comica de tudo isto, e verão que o Soares ha de fazer o mesmo que os correligionarios para quem ultimamente se passou.»

Com leves modificações, cabe-nos dizer:—tirem a parte comica de tudo quanto o vice-presidente da camara, sr. Fragateiro, promete fazer, e verão que elle ha de fazer o mesmo que os correligionarios para quem pela segunda vez ultimamente se passou.

E' fino este sr. Fragateiro!

Chegadas

Passar as férias de Paschoa, cá temos os nossos patricios Arnaldo Fragateiro, Manoel e José Barbosa.

Passeios forçados

No sabbado marchou para Mertola, Joaquim Chia, condemnado pelo sr. juiz de direito a tomar 9 mezes de ares n'aquella deliciosa e pittoresca terra.

—Para Miranda do Douro marchou José Pinto de Araujo, Cabreiro, gosar a licença de 18 mezes com que o Senhor o mimoseou.

O «Brav» administrador

Habilitamo-nos novamente na semana passada como editor d'este jornal, porque o snr. dr. Alpheu Polycarpo se recuzou, por todas as formas e por diversas vezes, a passar-nos certidão da habilitação que sob a sua direcção e protecção e perante s. s.ª como administrador do concelho, fizemos em fevereiro do anno passado.

E como nos havia de ser passada a certidão, tendo-se *supprimido* a nossa habilitação por um modo e

feito á altura do snr. dr. Alpheu?

Não contente de nos ter feito condemnar por um escripto que é seu e de que fugiu á responsabilidade, quiz *supprimir* tambem o nosso jornal e fazer-nos condemnar por falta d'habilitação.

Que brio, que dignidade, que honra a d'este cavalleiro de... Felizmente, snr. Alpheu Polycarpo, a sua *esperteza* foi descoberta a tempo.

Fallaremos mais de vagar.

Outra

Fomos outra vez levados ao tribunal pelo sr. dr. Francisco Fragateiro de Pinho Branco, director do *Povo d'Ovar*, que se julgou injuriado e diffamado pelo que escrevemos no penultimo numero do nosso jornal, sob a epigraphie «O sr. Fragateiro em acção».

O sr. Fragateiro em acção

Ainda não podemos publicar a historia que sobre esta epigraphie promettemos fazer e da qual demos o summario do 1.º capitulo, porque andamos colligindo documentos para que essa historia seja verdadeira como promettemos.

Senhor aos entrevados

Sabiu, como é costume, na segunda e terça-feira o Viatico aos enfermos.

O tempo esteve magnifico no primeiro dia, mas no segundo mudou completamente. Uma nortada furiosa levantava nuvens de pó que pareciam abafar-nos.

N'este dia, ia atraz da procissão a camara, administração, commandantes de reservas e poder judicial.

Fallecimento

No domingo pela manhã falleceu a ex.ª sr.ª D. Maria Luiza Camossa, irmã do sr. Manoel Barbosa Duarte Camossa, abbade d'esta freguezia, e tia do sr. Eduardo Ferraz, digno escrivão de direito d'esta comarca.

A' familia enluctada o nosso pe-zame.

Partida

Para Sévilha, Hespanha, partiram no sabbado os srs. Antonio Soares Pinto e dr. Joaquim Soares Pinto, passar a semana santa.

Theatro «Ovarense»

Temos domingo espectáculo variado n'este theatro pela *troup «High-Life»*.

Sobe á scena o drama em 3 actos, *O Ermitão da Cabana*, e a zarzuela em 1 acto, *Simão, Simões & C.ª*

O sr. Ferraz que devia desempenhar o importante papel de *Ermitão* no drama, por motivo do fallecimento de sua tia, é substituido pelo sr. Antonio Augusto Freire de Liz.

Annunciar o dia do espectáculo equivale a dizer—uma enchente nunca vista no nosso theatro, domingo.

Diremos depois das nossas impressões; por hoje limita-se a nossa obrigação a dizer:—Ao theatro, ao theatro!

CHRONICA

Com certeza, foi leitora aturada das minhas chronicas que, habilmente, mysteriosamente, houve por bem collocar na banca onde escrevo, este bilhete laconico, tresandando a nephelibatismo:

«Pedem-me diga na quinta-feira das mulheres e raras impressões ácerca da procição aos entrevados na segunda e terça-feira ultimas. — *Alguem.*»

Ludibriado, escaldado, pela vergonha e atrevimento; indaguei o nome verdadeiro da *auctora* do escripto.

Quem era? Esforços perdidos. As prophcias que alimentei em profundar por entre as cerradas e densas neblinas do ignoto, d'esta vez foram infieis, ingratas.

E eu não merecia a Dens a desconfiança que me manifesta agora, occultando ao meu conhecimento esse *alguem*, que não pensou ser um dos peccados gravissimos embaixar-me d'esta forma na semana santa que corre.

Durante os dois mencionados dias, foi grande o luxo da leitora-devota e indulgente. Os chailes italianos que vi, cadeados de retr. z fino, pendentes das *matinées* modernas, os lenços de setim, cõr do céu e cõr de rosa como as tuas faces—ô minha «bem-amada»—vendidos em meu proveito... ia, em recreio, rodar o mundo e fixar residencia eterna em Paris!

Nenhuma leitora devota escapou a aturar-me; a todas fiz o meu pé de capitão e com todas me ri.

Sol entre nuvens, pó ás carradas e vento forte; por isso gemo eu e gemo a carteira: uma constipação de mil de noções atacou-me a doce garganta.

Terça-feira, no percurso da procição, ouvi:—«Calle-se e reze.» A Santa Catharina?—emendei logo. Mas os meus labios... pudicos, não podiam conservar-se fechados como o botão de roza, como os teus, estremeçada!...

Ri, fallei, massei, critiquei e gozei. O inferno espera-me, e por isso...

O meu amigo Luiz, o regente da musica nova, o Rossini da terra, immortalison-se terça-feira.

Vi-o de perto. Que sympathica, que elegante figura! A barbinha rara, muito curta, cõr d'azevicha, sobrecasaca, laço branco, luzidio, collocado a primor, a capricho, por sobre o collar tezo como o seu passo grave, lindo e macio como a sua voz!

Vi-o e elle viu-me, sorri-me e elle sorriu-se, cumprimentamo-nos de longe. E' sempre assim.

—Papel do 1.º bombardino!—ouvi de costas a intimação amigavel do Rossini, meu amigo, e ri-me.

Rompeu uma walsa.

Não quiz ouvir, admirar, extasiar-me com os sons *rumorniosos* das trombetas; preferi antes analysar a attitudo guerreira, o olhar faiscante, entusiasta do meu caro Luiz!

Como elle regia! Que bem, que bem!

Na dextra mimosa a batuta, na esquerda, menos mimosa, um se-bente papel a que elle chamava —partitura.

—*Pianno! devégar! forte!*—taes foram as palavras que elle deixou soltar dos labios nacarados e callosos pelo clarimeta, palavras que pela doçura de tom não feriram os sons *remorniosos* das trombêtas vareiras!

Mas como elle regia! Que graça e que inveja elle inspiraria a um Cyriaco de Cardoso.

Por isso pôde o meu amigo Luiz dizer sem reboço: Sou o Rossini da terra, ajoelhem-se e admirem-

me os *aficionados* da incomparavel arte!

As arvores que embellezam o jardim do Hospital riram do demo do Luiz e choraram, commovidas, pelas tyrannias que a pobre e inofensiva *batuta* soffreu! Até as florinhas, tão innocentes e tão bellas e tão frescas, disseram entre si: Larga a *batuta* e apegate aos ferrinhos, para que tens emboccadura especial!

E o meu querido Luiz continuou a manejar a triste *batuta* a esmo, mirando ao longe e fitando bem de perto os seus admiradores que lhe não de'erigir, em vida, uma *estátua*, ao lado direito da do Fragateiro!

O Fragateiro que desdenhou ha poucos dias dos fidalgos por levarem um andor em uma procição, tambem em companhia d'estes e outros seguiu a de terça-feira, todo liró, arrogando importancia d'um politico-rei da terra, clak (valha a verdade, já russa) casaca, barba crescida, cabello emmaranhado e tambem de calção!

Foram o Fragateiro e o Luiz os personagens que mais salientes se apresentaram.

E eu vou fechar a chronica por chamar a attenção da conservatoria musical de Italia, lembrando o meu *intelligente* Luiz, o Rossini, que se perde na minha terra aonde ninguém conheço de competência para dar apreço justo e recto ao nosso querido musico que, tão novinho, rege de *batuta!*

Quebrae as loisas e vinde aqui, ô notabilidades musicas do mundo inteiro!

Por mais que te perfumes, caro Rossini, não tiras o cheiro á...

E adeus, não me agradeças o elogio que vês: ainda mais mereces!

E adeus, Fragateiro, e os teus calções!

E adeus, leitoras, até outra vez. *Jayme.*

SECÇÃO CHARADISTICA

CHARADAS MINHO E DOURO

- Laços de encaixe
 - Sem 1.ª Deuses dá
 - » 2.ª São favores
 - » 3.ª Labarela
 - Só 1.ª E' vogal
 - » 2.ª Adverbio
 - » 3.ª Notas Ah!
- Coleoptero
 - Sem 1.ª Fraga dura
 - » 2.ª E' ficção
 - » 3.ª Alto preço
 - Só 1.ª Adverbio
 - » 2.ª Na Rochella
 - » 3.ª Toma? ol' reço.

O pan de carregar petardos
E' cidade franceza ás avessas.
Augusto Maximo.

ANNUNCIOS

Pós de carvão, quina, essencia de hortelã pimenta, etc., para limpeza dos dentes.

E. Zagallo de Lima —Praça, 63

NOTAS DE EXPEDIÇÃO

PARA ENCOMMENDAS
FEITAS PELA
COMPANHIA REAL

Caminhos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoaveis. Ha sempre grande deposito na

Imprensa Civilisação
Largo da Pocinha, 73 a 77
PORTO

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados sumamente penhoradissimos, veem por este meio, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, agradecer a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os, e lhe enviaram bilhetes de pezames, pelo fallecimento de seu sempre chorado filho, irmão e cunhado, Manoel de Pinho Valente, em regresso do Rio de Janeiro para Portugal.

Como porém, possa ter havido qualquer falta involuntaria (em participação familiar) pedem desculpa porque foi devido ao estado de consternação.

Não podemos deixar de especialisar os ex.^{mos} surs. Manoel Gomes Dias e dr. Francisco Fragateiro, dignissimos directores dos jornaes *semanaes (Folha e Povo de Ovar)* por noticiarem o triste acontecimento, que tão fundamentalmente magoou o nosso coração.

A todos o nosso eterno reconhecimento.

Ovar, 5 de Março de 1893.

- Antonio de Pinho Carlota.
- Joanna Valente.
- José Maria de Pinho Valente (auzente).
- José Augusto de Pinho Valente.
- João de Pinho Valente.
- Maria de Pinho Valente Pinto.
- José Lopes Pinto Junior.
- Maria Conceição d'Oliveira Valente.
- Maria Graça d'Oliveira Valente.

AGRADECIMENTO

A familia ausente e presente da fallecida Joanna de Oliveira Duarte, agradecem por este meio a todas as pessoas que os visitaram, e lhe enviaram bilhetes de pezames.

Ovar, 5 de Março de 1893.

Imprensa Civilisação
 PORTO
 LARGO DA POCINHA, 73 A 77 (RUA DE SANTO ILDEFONSO)
 Impressão nitida, prompta e por preços módicos
 de facturas, bilhetes de toás, directores, missas, obras de livro
 impressos para associações de soccorros,
 assim como de todo e qualquer trabalho typographico
 CARTÕES DE VISITA A 100, 200, 300 e 500 RÉIS O QUINTO

Livros para registo DE HOSPEDES

E Relações dos mesmos que os proprietarios dos hotéis são obrigados a enviar todos os dias ao commissariado de policia. Vendem-se na

Imprensa Civilisação
73 — LARGO DA POCINHA — 77

Cartonagens

Amendoas, Livros de Missa e Semana Santa

NOVIDADE

Cerveja DANUBIA e BOCK-BIRR.

Grande sortido de mantas, regatas, plastrons e lavaliers.

Vinhos finos da Companhia e de outros armazens, desde 100 a 1\$500 réis.

SILVA CERVEIRA

LOJA DO POVO

63 — PRAÇA — 63

OVAR

CATALOGO DAS OBRAS

A VENDA NA

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77 — PORTO

Dramas, comedias e scenas-comicas

- Cynismo, scepticismo e creença.* Cesar de Lacerda, comedia-drama original em dois actos (1.ª edição) 300
- O captivo.* (do mesmo auctor), canção original 50
- Henriqueta, a aventureira.* (do mesmo auctor), drama em 5 actos, com o retrato da heroína e 4 gravuras representando as principaes scenas do drama 400
- Os homens que riem.* (do mesmo auctor), comedia em 3 actos 400
- Homens e feras.* (do mesmo auctor), drama em 1.º prologo e 3 actos 400
- Os viscondes d'Algirão.* (do mesmo auctor), comedia original em 3 actos e 1 prologo dividido em 2 quadros 400
- O poder do ouro.* por Dias Guimarães, drama em 4 actos 500
- O Condemnado.* (do mesmo) drama em 3 actos e 4 quadros 400
- Theatro comico—Entre a flauta e a viola—A morgadinha de Val d'Amores.* (do mesmo auctor) 400
- A Judia.* por Pinheiro Chagas, drama em 5 actos 400
- Magdalena.* (do mesmo auctor), drama em 4 actos 400
- Helena.* (do mesmo auctor), comedia em 5 actos 400
- No palco* (monologos e dialogos em verso) por Raul Didier, 1 volume 400
- Dá cá os suspensorios.* (do mesmo auctor), comedia em um acto 100
- Villão, o fugitivo da cadeia do Porto.* (do mesmo auctor), comedia-drama em 3 actos 200
- Ambos livres.* por Antonio de Sousa Machado, comedia em 1 acto 100
- Os homens de bem.* por Antonio Correia, drama original em 5 actos 300
- Tribulações d'um marido.* por João Coutinho Junior, scena comica original 100

Contos e historias diversas

- O verdadeiro livro de S. Cypriano.* traduzido do original por N. C. D.—Primeiro e segundo livro com estampas coloridas 500
- Arte para curar bois, vaccas, borregos, porcos, cabras e outros animaes* 60
- Malicia e maldade das mulheres e a malicia dos homens* 40
- Historia dos tres filhos,* ou o gato das botas 20
- O noivado do sepulchro* (ballada) 20
- Auto da Muito Dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo,* conforme a escreveram os quatro Evangelistas 60
- Auto de Santa Barbara,* virgem e martyr, filha de Dioscoro, em que fallam Santa Barbara, tres pedreiros, Dioscoro, pai de Santa Barbara, um anjo, dois doutores, Marciano, um alcaide, e um ancião 40
- Acto intitulado Apartamento da Alma,* em que se contém duas obras admiraveis novamente dadas á luz: — A primeira contém uma pratica sentida entre o corpo e a alma, e a segunda o Rosario da Virgem Santissima 40
- Auto de Santa Catharina,* virgem e martyr, filha do rei go-do de Alexandria, em o qual se conta seu martyrio e glorioso fim 40
- Auto do Dia de Juizo,* no qual fallam S. João, Nossa Senhora S. Pedro, S. Miguel, um Seraphim, Lucifer, Satanaz, David, Absalão, Urias, Caim, Abel, Dánilo, um vilão, um tabellião, um carneiro, uma regateira e um moleiro 40
- Auto de Santo Aleixo,* filho de Eufemiano senador de Roma 40
- Auto de Santo Antonio,* livrando seu pai do patibulo 40
- O Judeu errante* (historia biblica) 20